



3º Encontro de Pesquisa
em Informação e Mediação



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



III ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (III EPIM)

LEITURA, MEDIAÇÃO, TECNOLOGIA: ANÁLISE “A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS”

Angela Vicente Alonso Watari - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a importância da leitura e da mediação na formação dos sujeitos. Considerando-se que o uso das tecnologias digitais está cada vez mais presente na vida das pessoas e que essas tecnologias ocasionam transformações nas formas de se relacionar e lidar com a leitura, com o livro, com a literatura e com o leitor, torna-se crucial a reflexão sobre a relação entre esses elementos e suas contribuições para a formação de leitores. O procedimento metodológico se baseou em estudo teórico sobre o tema. Primeiramente, apresentam-se argumentos acerca da importância da leitura e do papel da mediação da leitura. Após, destaca-se o uso das tecnologias digitais no contexto da leitura e, por fim, discute-se a leitura e a mediação no contexto da obra literária *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2005). Como embasamento teórico, foram utilizados os trabalhos de autores que se dedicam ao estudo desses temas, como Almeida Júnior (2007, 2010), Bortolin (2001), Paulo Freire (2011), Martins (2012) e Rojo (2013). Do estudo podemos inferir que a mediação se faz presente em diversos contextos da sociedade contemporânea e que a escola e a biblioteca são espaços favoráveis para o incentivo e desenvolvimento do hábito da leitura nos indivíduos. Além disso, é fundamental que os profissionais que lidam com a mediação da leitura estejam preparados para lidar em ambientes digitais, para que possam promover mais dinamismo e engajamento dos novos leitores, por meio de recursos mais interessantes, atrativos, dinâmicos e atualizados.

Palavras-Chave: Leitura; Mediação; Tecnologias Digitais.

READING, MEDIATION AND DIGITAL TECHNOLOGY: THE TRAINING OF NEW READERS

Abstract: This work aims to reflect on the importance of reading and mediation in the formation of subjects. Considering that the use of digital technologies is increasingly present in people's lives and that these technologies cause transformations in the ways of relating and dealing with reading, with the book, with literature and with the reader, it becomes reflection on the relationship between these elements and their contributions to the formation of readers is crucial. The methodological procedure was based on a theoretical study on the topic. First, arguments are presented about the importance of reading and the role of reading mediation. Afterwards, the use of digital technologies in the context of reading is highlighted and, finally, reading and mediation are discussed in the context of the literary work *The girl who stole books*, by Markus Zusak (2005). As a theoretical basis, the works of authors who dedicate themselves to the study of these themes were used, such as Almeida Junior (2007; 2010), Bortolin (2001), Paulo Freire (2011), Martins (2012) and Rojo (2013). From the study we can infer that mediation is present in different contexts of contemporary society and that the school and the library are favorable spaces for encouraging and developing the reading habit in individuals. In addition, it is essential that professionals who deal with mediation of reading be prepared to deal in digital environments, so that they can promote more dynamism and engagement of new readers, through more interesting, attractive, dynamic and updated resources.

Keywords: Reading; Mediation; Digital Technologies

LECTURA, MEDIACIÓN Y TECNOLOGÍA DIGITAL: LA FORMACIÓN DE NUEVOS LECTORES

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la lectura y la mediación en la formación de sujetos. Considerando que el uso de las tecnologías digitales está cada vez más presente en la vida de las personas y que estas tecnologías provocan transformaciones en las formas de relacionarse y tratar la lectura, con el libro, con la literatura y con el lector, se convierte en una reflexión sobre la relación entre estos elementos y sus contribuciones a la formación de lectores es crucial. El procedimiento metodológico se basó en un estudio teórico sobre el tema. En primer lugar, se presentan argumentos sobre la importancia de la lectura y el papel de la mediación lectora. Posteriormente, se destaca el uso de las tecnologías digitales en el contexto de la lectura y, finalmente, se discute la lectura y la mediación en el contexto de la obra literaria *La niña que robó libros*, de Markus Zusak (2005). Como base teórica se utilizaron los trabajos de autores que se dedican al estudio de estos temas, como Almeida Junior (2007; 2010), Bortolin (2001), Paulo Freire (2011), Martins (2012) y Rojo (2013). Del estudio podemos inferir que la mediación está presente en diferentes contextos de la sociedad contemporánea y que la escuela y la biblioteca son espacios propicios para fomentar y desarrollar el hábito lector en las personas. Además, es fundamental que los profesionales que se ocupan de la mediación de la lectura estén preparados para trabajar en entornos digitales, de manera que puedan promover un mayor dinamismo y captación de nuevos lectores, a través de recursos más interesantes, atractivos, dinámicos y actualizados.

Palabras-Clave: Leer; Mediación; Tecnologías digitales.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um processo que favorece a transformação dos indivíduos e da sociedade. Por meio do ato de ler oportuniza-se a apropriação de informação, a construção de conhecimento, a interação e a comunicação, fomentando oportunidades de vida para os indivíduos.

Antigamente, o acesso à leitura e, conseqüentemente, à informação era bem mais reduzido. O percurso da história da leitura até se tornar uma prática social foi longo. No início apenas as estratificações sociais mais elevadas tinham acesso à leitura e sabiam ler. Com a revolução industrial, a globalização e a democracia, o livro passou a ser disponibilizado aos indivíduos como forma de lazer (YAFUSHI; SANTOS; OTTONICAR, 2015).

Atualmente, há diversas formas de se ter acesso a esses mecanismos, em virtude da revolução tecnológica, que ampliou as oportunidades de acesso ao livro impresso e/ou digital. Porém, diversas pesquisas demonstram que as práticas de leitura entre os brasileiros ainda são muito incipientes.

De acordo com a 5ª edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro (2020), a quantidade de leitores no país (considera-se leitor aquelas pessoas que leram, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses) apresentou uma queda em 2019 (52%), em relação aos dados de 2015 (56%). Os dados coletados na referida pesquisa demonstram uma tendência de decréscimo na frequência de

leitura em quase todos os formatos, especialmente nos livros de literatura lidos por vontade própria, sendo que 28% dos entrevistados afirmaram ser leitores de livros de literatura e 30% declararam ser leitores de literatura apenas em outros meios. Em relação aos motivos das pessoas não lerem, aparecem vários fatores, porém o destaque é a falta de tempo (47%). Quando indagados sobre o que gostam de fazer em seu tempo livre, a maioria assiste televisão (67%) ou usa *Whatsapp* (62%) e apenas 24% leem em papel ou livros digitais (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Quanto ao formato dos livros, os dados demonstram que 67% dos entrevistados leem livros de papel, 17% utilizam os livros digitais e 16% disseram que tanto faz o formato do livro. Dentre os leitores de livros digitais, 73% leem no celular. A preferência pela leitura de livros digitais está entre as pessoas mais jovens, na faixa etária entre 18 a 24 anos e com ensino superior (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Levando-se em consideração que a leitura é uma condição necessária para que pessoas consigam conquistar uma participação mais efetiva na sociedade e terem acesso a informações que circulam das mais variadas formas, faz-se necessário refletir sobre o papel da leitura e como está sendo praticada pelas pessoas atualmente.

Com base nos dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, anteriormente citada, percebe-se que pessoas estão utilizando a *Internet* para trocar mensagens no *WhatsApp* ou no *chat* do *Facebook* (60%), ou seja, lendo e produzindo conteúdos por meio das redes sociais digitais, e apenas 7% dos entrevistados utilizam a *Internet* para ler livros. Isso significa que, nos ambientes virtuais, as pessoas leem muito mais mensagens e informações disponibilizadas pelas redes sociais, o que nem sempre é de caráter verdadeiro e fidedigno, em detrimento de conteúdos que favoreçam sua formação integral, como a leitura de livros e documentos cientificamente comprovados (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Analisando-se os dados da referida pesquisa quanto aos motivos pelos quais as pessoas não leem, percebe-se que os empecilhos não são apenas os problemas de escolarização ou falta de acesso. As pessoas leitoras utilizam seu tempo livre em outras formas lazer e com outras maneiras de se distrair, tais como: assistindo a vídeos, ouvindo músicas, conversando pelas redes sociais digitais; assim, não “sobra” tempo para a leitura de livros. Enfim, a concorrência para que o livro seja mais apreciado está bem maior.

É importante considerar que as relações existentes entre o texto, o leitor e o ato propriamente da leitura não devem ser separados dos contextos histórico, cultural e social em

que os sujeitos estão inseridos, visto que todos esses contextos proporcionam modificações nas perspectivas e nas representações que definem o ato de ler.

De acordo com os estudos de Bortolin (2001), o Brasil é considerado um país com pouca tradição em leitura e necessita de iniciativas que tenham como foco aproximar o leitor do texto literário (impresso e eletrônico), favorecendo a formação de novos leitores, bem como a manutenção dos leitores já formados. Desse modo, promover ações de incentivos entre as instituições que lidam com a leitura, como as bibliotecas e as escolas, entre outros espaços, contribui para a formação integral das pessoas.

Tendo em vista a relevância da leitura e da mediação na formação de leitores, a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020) também apresenta dados importantes. No que concerne ao aspecto “influenciadores e indicadores de leitura”, os dados apresentam: os professores (22%), principalmente os que atuam na faixa etária dos 5 aos 17 anos; a mãe ou responsável feminino (6%); o pai ou responsável masculino (2%). Evidencia-se, portanto, a importância de que os professores e demais profissionais que trabalham com a formação de leitores sejam bons mediadores e favoreçam a formação leitora dos alunos.

Dessa forma, considerando-se que a leitura é o caminho para a apropriação de informações e que a circulação e a produção de informações, na sociedade atual, estão cada vez mais facilitadas, é fundamental que as instituições que lidam com a leitura e a formação de leitores intensifiquem os estudos sobre as práticas de leitura.

2 ASPECTOS IMPORTANTES DA LEITURA

A palavra “leitura” é um vocábulo extremamente polissêmico e adquire vários conceitos, acepções e aplicações que merecem ser estudados em suas diferentes vertentes e campos de abrangência. A história da leitura passou por várias etapas durante seu percurso e cada uma delas é caracterizada pelo período histórico em que ocorreu, demonstrando um desenvolvimento progressivo da concepção de leitura.

Conforme o *Dicionário Houaiss*, etimologicamente a palavra leitura vem do latim medieval *lectura*, derivada do radical do supino do verbo *legĕre*, que significa eleição, escolha, leitura é definida como obra ou texto que se lê.

A leitura é considerada como instrumento que envolve múltiplos fatores cognitivos, sociais, mentais, ideológico e psicomotores, a qual favorece a aprendizagem, a interação e a informação. Quando o leitor interage com a leitura de maneira significativa propicia-se a criação

de expectativas, comparações, análise das informações recebidas podendo muitas vezes extrair destas leituras aspectos a favor da sua melhoria de vida (YAFUSHI; SANTOS; OTTONICA, 2015).

Para Paulo Freire (2011), o ato de aprender a ler envolve, acima de tudo, a capacidade do indivíduo em ler o mundo e seu contexto, fazendo ligações entre a linguagem e a realidade, indo muito além de apenas fazer combinações de sons extraídos das palavras escritas, ou seja, aprender a ler é necessariamente aprender a viver e conceber a leitura como instrumento libertário, que favorece alterações sociais no contexto existente. Nesse sentido, Freire (2011) afirma que:

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí a posterior leitura desta não possa prescindir a leitura daquele. Leitura e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto, [...] (FREIRE, 2011, p. 19, 20).

O pensamento de Freire (2011) destaca a relevância da leitura de mundo preceder a leitura da palavra e, ao mesmo tempo, evidencia que, quanto mais se apropria da leitura da palavra, mais oportunidades serão oferecidas aos cidadãos, para mudar suas perspectivas de mundo. A leitura está presente na vida dos seres humanos desde o momento que começam a entender o mundo e passam a decifrar e interpretar o sentido de tudo o que os cerca, fazendo relações entre o que leem e o que realmente vivem. Para Freire (2011, p. 85,86) “antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca.

De acordo com Martins (2012), a leitura deve ser entendida num sentido amplo, fora do contexto da escola, indo além do texto escrito, permitindo compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado e de cada experiência vivida. Dessa forma, o ato de ler se refere tanto a algo que está escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano (MARTINS, 2012). A leitura vai além e começa antes do contato com o texto, onde o indivíduo que lê passa a assumir um papel atuante, deixando de ser mero decodificador ou receptor passivo. Para Martins (2012) iniciamos o processo de leitura a partir do momento em que passamos a compreender e a dar sentido a tudo o que e a quem nos cerca,

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranquiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto, o toque macio de mãos ou de um pano como se integram à nossa

pele. E o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites a satisfação ou ao rechaço. (MARTINS, 2012, p. 11).

Dessa forma, ler significa também “ler o mundo”, procurando-se sempre atribuir sentido a ele e a nós mesmos. Na literatura sobre leitura, muitas vezes esse conceito está ligado apenas à decifração da escrita e sua aprendizagem; então, é fundamental associar seu desenvolvimento ao processo de formação global dos indivíduos, além de sua capacitação de convívio e atuação social, política, econômica e cultural (MARTINS, 2012)

Almeida Júnior (2007) afirma que são muitas as definições e conceitos de leitura elaborados pelos homens e que alguns podem tender a caráter políticos, sociais, instrumentais ou técnicos. Com base em seus estudos e conhecimentos sobre o assunto, o autor expressa sua concepção de leitura nos seguintes termos:

Ler é decodificar palavras; ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo; a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura, assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário; ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a possibilidade da fruição do belo, da estética; ler é se nutrir da tradição e da memória do homem; a leitura é proeminentemente prazer; a leitura é a representação maior da virtualidade; ler é caminhar pelos espaços do sonho; a leitura possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados; a leitura permite ser o outro, estar no outro; ler é se apropriar de um dos mais importantes instrumentos de opressão, a escrita. (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 33).

A leitura é uma prática social exercida para diferentes funções, possibilitando que os indivíduos tenham acesso aos conhecimentos acumulados pela humanidade; sua prática amplia a comunicação, a visão de mundo e o senso crítico. A leitura é, portanto, fonte de saber que pode transformar as pessoas e a realidade circundante.

A habilidade de ler e escrever, desde o período greco-romano, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, visando ao desenvolvimento das capacidades intelectuais, espirituais e aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade. Considerando os séculos da existência da civilização, as coisas hoje não são muito diferentes, pois, na escola, essa prática formalista e mecânica ainda não foi totalmente superada (MARTINS, 2012).

Almeida Júnior (2007) enfatiza que somos alfabetizados apenas em relação à palavra escrita e que a escola faz uso de métodos para formar meros decodificadores da palavra, leitores

de palavras escritas; em consequência, as pessoas lidam com o mundo da informação apenas com esse instrumento, muitas vezes não de maneira plena. Para o autor, decodificar a palavra para a apropriação de conhecimentos até um tempo atrás foi suficiente, mas, atualmente, isso é insuficiente, visto que a multimídia é bastante variada, valendo-se de texto escrito, imagem fixa, imagem em movimento e som, entre outras possibilidades. Almeida Júnior (2007) afirma que, dentre os diversos segmentos das mídias, pelo menos em três desses a escola não alfabetiza e, quando se deparam com esses segmentos no decorrer da vida, as pessoas lidam intuitivamente, visto que desconhecem a linguagem dessas mídias.

Diante de todo o exposto considera-se compreender a leitura como um processo de atribuição de sentidos onde o leitor precisa sair da esfera de mero decodificador de palavras para uma esfera de criação de conteúdo, sentidos, argumentos que favorecem a interação com o texto escrito e com as mais diversas mídias e que ao mesmo tempo provoquem efeitos na vida cotidiana de cada leitor.

3 A LEITURA E A MEDIAÇÃO

A leitura é uma importante fonte de aquisição de conhecimento e favorece a inserção dos indivíduos no convívio social. Nesse sentido, o ato de ler deve ser considerado como uma necessidade vital do ser humano. Almeida Júnior (2007) afirma que a leitura faz parte do núcleo da apropriação da informação e isso implica uma transformação do conhecimento, sendo uma ação de produção, construção e não meramente de consumo passivo.

As experiências de leitura das pessoas são diversas e as desafiam na atribuição de novos significados ou mesmo na consolidação de suas leituras de mundo. Nessa perspectiva, é necessário também encarar os leitores como sujeitos sociais, que se arriscam nas tramas dos textos, para processar os sentidos, pensar e inter-relacionar as informações ou apenas para agir diante de seu objeto de leitura (MARTINS, 2012). Conforme Chartier (1999, p. 77),

[...] a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum - ou ao menos totalmente - o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do

livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

A leitura, enquanto meio de realização de aprendizagens e apropriação de informações, precisa levar em consideração as práticas sociais, os contextos de vivências e as experiências das pessoas, a fim de favorecer a formação de leitores de maneira significativa e interativa entre todos os envolvidos nesse processo. O acervo de vida de cada leitor interfere e determina os significados que os textos vão apresentando, impondo leituras diferenciadas, que poderão contribuir significativamente na vida das pessoas. Almeida Júnior (2007, p. 2) enfatiza que:

A leitura é realizada a partir do acervo de conhecimentos de cada pessoa. Cada leitura, dessa forma, é individual, diferente de outra leitura, pois não pode prescindir dos referenciais de quem a realiza. A exemplo da informação, a leitura não existe a priori, se concretizando no processo de mediação. No entanto, a mediação da leitura faz parte da mediação da informação.

Considerando que a leitura se efetiva no processo de mediação e é uma atividade vital para a construção de conhecimento, Zuin e Reyes (2010, p. 38) apontam que “a categoria de *Mediação* é essencial para a formação do sujeito, de sua consciência, de sua individualidade. Nas teorias em questão, a linguagem destaca-se como principal mediadora e constituidora dos indivíduos”, o que favorece a forma de ver o mundo, pois é nas relações sociais que os sujeitos se constituem. No que se refere ao trabalho com a leitura “o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação” (BORTOLIN, 2001, p. 31).

A mediação favorece o momento da construção de sentidos; portanto, a escola não pode ser o único espaço que possibilite o processo da mediação da leitura; as bibliotecas, principalmente as escolares para o público infantil, são consideradas espaços cruciais para os processos de mediação da leitura. Nesse sentido, muitas pessoas podem ser consideradas como mediadores no processo de constituição dos sujeitos, conforme diz Bortolin (2001, p. 27):

[...] os familiares, os professores, os bibliotecários, os editores, os críticos literários, os redatores, os livreiros e até os amigos que nos emprestam um livro ou indicam um CD-ROM e uma página literária na Internet. Porém, os mediadores que mais se destacam são os familiares, os professores e os bibliotecários [...].

Segundo Almeida Júnior e Bortolin (2008), no processo de leitura destacam-se dois “personagens” principais: o autor do texto, aparentemente o de maior responsabilidade, e o leitor, considerado como coautor, que assume a mesma responsabilidade de quem escreve o texto, pois este é o que dá, concretamente, existência ao escrito. Dessa forma, o texto escrito ganha significados quando envolvido nas teias e emaranhados das vidas das pessoas (ALMEIDA JÚNIOR, 2010).

Bortolin (2007) destaca o importante papel do mediador na vida dos leitores, definindo-o como “[...] aquele indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação. E como intermediário de leitura, o mediador encontra-se em uma situação privilegiada, pois tem nas mãos a possibilidade de levar o leitor a infinitas descobertas.”

A sociedade atual está cada vez mais complexa e dinâmica no que tange à busca de informação e à construção de conhecimentos; por isso, é fundamental saber ler com eficiência e eficácia, ou seja, ler além da decodificação de signos, o que implica ações de imersão nos textos, fazer argumentações e reconhecer os contextos propostos pelo autor. Dessa forma, considera-se que “[...] a mediação da leitura se constitui em um recurso que pode ser melhor explorado para atender necessidades informacionais de leitores no que se refere à leitura” (SILVA, 2012, p. 122).

Portanto, mediar passa a ser a principal atividade que deve reger as instituições que trabalham com a formação de leitores, seja uma escola ou uma biblioteca, pois a atividade de mediação de leitura desempenha um importante papel, uma vez que propicia a assistência de um mediador, o qual pode ser, um professor, um bibliotecário ou um profissional experiente, com a intenção de auxiliar os leitores ou futuros leitores a alcançar o melhor de si no que se refere à compreensão dos textos, ampliando as possibilidades de desenvolvimento potencial de cada um.

Diante desse contexto, a mediação passa a ser considerada como um elemento essencial para o incentivo e desenvolvimento do hábito da leitura nos indivíduos. Para uma formação de leitores eficientes e eficazes exige-se não só da escola, mas de todos os envolvidos no processo de aprendizagem das crianças como a família e a biblioteca, ações e atividades de incentivo à leitura (NUNES; SANTOS, 2020).

Por meio da mediação da leitura é possível garantir a interação entre o mediador (família, professor, bibliotecário) e público (filho, aluno, usuário), propiciando conhecer a percepção, o entendimento e a aprendizagem dos leitores. Dessa forma, para alcançar o

objetivo e os benefícios desejados de uma mediação de leitura são essenciais alguns pontos como o planejamento, a preparação, a habilidade e a experiência do mediador (NUNES; SANTOS, 2020).

4 A LEITURA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Atualmente, os leitores estão imersos em diversas formas de leitura e podem interagir com diferentes suportes. As novas tecnologias digitais instituíram novas práticas e experiências de leitura, o que requer uma mudança significativa na postura dos leitores. As tecnologias digitais estão presentes no dia a dia de todos e não se pode negar que, com o uso intensivo desses recursos, surgem novas formas de leitura, de interação e de escrita.

O conceito de leitura vem se modificando ao longo do tempo, provocando novas formas de pensar, de agir, de se comunicar. Segundo Chartier (1994), no percurso histórico ocorreram algumas revoluções em relação aos suportes de leitura: a primeira revolução aconteceu com a própria invenção da escrita; a segunda, quando houve a mudança de suporte de leitura do rolo (desenrolava-se o texto para fazer a leitura) para o códex ou livro impresso e encadernado (vira-se a página para prosseguir a leitura); a terceira revolução se deu com a invenção da imprensa, a qual possibilitou maior democratização do livro; a quarta revolução foi a técnica, que passa do livro impresso para a tela, ou seja, o texto digital (agora o leitor pode fazer qualquer operação no texto, como apagar, copiar desmembrar, recompor etc.). Atualmente, a leitura digital acontece em tablet, computador ou celular. Todas essas alterações causaram (e ainda causam) mudanças radicais nas modalidades de produção, transmissão e recepção do escrito. Conforme analisa Chartier (1994, p. 185),

Dissociados dos suportes em que costumamos encontrá-los (o livro, o jornal, o periódico), os textos, de agora em diante, estariam fadados a uma existência eletrônica: compostos no computador ou numerizados, transmitidos por procedimentos teleinformáticos, eles alcançam um leitor, que os apreende num monitor.

O leitor contemporâneo vive imerso em formas de leituras que vão além dos livros, visto que a *internet* possibilita, além de novas formas de comunicação e acesso à informação, novas maneiras de utilizar as interações no meio virtual de conhecimentos. Nesse sentido, as mutações nos suportes e dispositivos de informação e de leitura causam bastante impacto nas práticas de leitura dos sujeitos, pois instauram novos hábitos e novos usos.

As mudanças evolutivas no mundo da leitura, causadas principalmente pelo advento da cultura digital, de acordo com Marianne Wolf, “se percebe uma mudança no *quanto, como,*

o que e por que lemos. E a internet, ao mesmo tempo que facilita o acesso às informações, infla de dados os usuários, colocando-os à prova na sua capacidade, enquanto leitores, de decodificação, compreensão e interpretação de maneira criteriosa e relevante de todo o material acessado.” (WOLF, 2019, p. 90, grifos da autora)

Nesse sentido, se faz fundamental aos profissionais que lidam com a leitura, refletir não apenas sobre os suportes de leitura (impresso ou digital), mas sobre como os leitores de hoje (nativos digitais) e como os leitores nascidos antes da explosão do digital estão se formando nesse universo da leitura.

De acordo com Rojo (2013, p. 8), “se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas”. O ato de ler é uma competência ampla, ocorre em contextos variados e depende de distintas e diversas materialidades; então, é importante que os variados formatos e suportes de leitura sejam considerados em todos os seus aspectos. Segundo Coscarelli e Ribeiro (2019, p. 118),

não precisamos partir do impresso para chegar ao digital e nem precisamos pensar em uma ordem para que isso aconteça. Digital e impresso se complementam. Têm suas singularidades, mas há uma forte base comum entre eles, que são os fundamentos da leitura, da produção de textos e da comunicação de modo geral.

Dessa forma, podemos considerar que a leitura enquanto prática social também evoluiu e atualmente está envolta em diversos dispositivos digitais. Além disso, percebe-se que a leitura em ambiente digital apresenta algumas diferenças da leitura impressa, pois exige do leitor uma postura diferenciada perante o texto a ser lido. Esse novo espaço de leitura (virtual) apresenta não só a leitura do texto verbal, mas também a leitura de imagens estáticas, imagens com movimento e um mundo de possibilidades ao passo de um clique.

As pessoas que nasceram nesse contexto mais digital podem ter uma relação diferente com a leitura e com o material impresso, comparando-se às pessoas que não tiveram acesso a essas tecnologias desde a infância. Novas habilidades de leitura e competências são requeridas para a atuação no mundo digital.

Segundo Rojo (2013), o processo de leitura envolve diversos procedimentos e capacidades perceptuais, cognitivas, sociais, discursivas, entre outras, porém todas dependentes da finalidade e da situação de leitura. Dessa forma, a autora considera que oferecer possibilidades de leitura tanto no papel quanto no digital amplia as possibilidades de

formar cidadãos com habilidades para conviver em uma sociedade digital e ter autonomia nas suas escolhas. Arantes (2015, p. 185) argumenta que:

Com a tecnologia, em especial o ciberespaço não deve ser encarado como panaceia para as bibliotecas. Acredito que é a figura do mediador que faz e fará diferença. É imprescindível destacar que a ação do mediador da informação é, antes de mais nada, uma ação social, que visa a um sujeito social. Ação essa impregnada de ideologia, explícita ou não.

Os mediadores de leitura, como os pais, os professores e os bibliotecários, exercem um papel importante na interação dos sujeitos com as tecnologias digitais de informação e comunicação na formação de leitores. Segundo Moro e Estabel (2011, p. 75),

As TICs tornam-se valiosos auxiliares no processo de leitura, funcionando como estímulo e acesso nos suportes (eletrônicos e bibliográfico) em que a família, escola e a biblioteca, por meio de seus atores (pais, professores e bibliotecários), tornam seus mediadores entre o texto e o leitor, propiciando ambiente de leitura e de aprendizado mais lúdico e prazerosos nos espaços/lugares em que as pessoas vivem.

Para Vidotti, Lanzi e Farneda (2014) o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) propiciam novas formas de mediação, por meio do qual os profissionais da informação têm a possibilidade de transpor os limites físicos alcançando os usuários mesmo que estes não estejam fisicamente presentes, visto que essas tecnologias proporcionam um ambiente atraente para os estudantes.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender que nossos alunos atualmente são nativos digitais, ou seja, nasceram numa época em que os conteúdos são acessados e consumidos por meio de plataformas digitais. Sendo fundamental que os profissionais da informação (professores e bibliotecários) que atuam diretamente com a apropriação da informação e com a construção de conhecimento das crianças conheçam as preferências e as possibilidades de leitura que os alunos têm a sua disposição, ou seja, é preciso conhecer por meio de qual dispositivo (livro impresso ou digital) e qual plataforma digital (ideal para intermediar esse processo) esses alunos fazem suas leituras procurando oferecer cada vez conteúdos relevantes e desenvolver cada vez mais sujeitos críticos e engajados tornando a leitura atrativa.

5 A LEITURA E A MEDIAÇÃO NO LIVRO “A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS”

De acordo com o apresentado nas seções anteriores, percebe-se que a leitura passou a ter um papel essencial na vida humana, podendo gerar autonomia nos indivíduos, auxiliando

até mesmo em atividades corriqueiras do dia a dia. Por meio do ato de ler, as pessoas podem ampliar de maneira significativa seus conhecimentos, seu vocabulário, ter acesso a novas informações, desenvolver perspectiva crítica e reflexiva, bem como em situações-problema enfrentadas no cotidiano.

Considerando a importância e a necessidade de “ler” no mundo contemporâneo e de que a leitura é um direito imprescindível para a garantia da cidadania, desta forma, se faz como o centro das competências indispensáveis aos cidadãos do século XXI. Assim, dominar a leitura torna-se uma exigência que ganha proporções de escala mundial, bem como um indicador de desenvolvimento para toda a sociedade.

O objetivo do mediador de leitura é facilitar o relacionamento entre o leitor e o texto. Pela mediação, o mediador pode despertar o interesse pela leitura, conduzindo o leitor para o encontro com os textos, proporcionando ao sujeito o entendimento do contexto no qual está inserido e os tornando ativos e conscientes na realidade a qual vivem.

Fazendo uma análise do livro *A menina que roubava livros*, observa-se vários episódios no qual os personagens, principalmente a protagonista, vivencia situações práticas de leitura que ilustra o papel da leitura e da mediação na constituição dos sujeitos.

A narrativa passa-se em uma cidade próxima de Munique (Alemanha), tem como protagonista Liesel Meminger, filha de comunista perseguido pelo nazismo, que a enviou, juntamente com o irmão, para um casal que os adota em troca de dinheiro. O irmão morreu no trajeto para a casa dos pais adotivos. No enterro, o coveiro deixou cair um livro no chão e assim que Liesel praticou o primeiro roubo, pegando esse livro com o intuito de guardar o único vínculo com a família. Os pais adotivos de Liesel, educaram a menina, ensinando-a a ler ao perceberem sua paixão por livros. A menina lia os livros na biblioteca do prefeito e, numa oportunidade, retirou um livro de uma fogueira onde eram incineradas as literaturas proibidas pelo regime nazista. (FERNANDES, s/d).

Ao longo da história, com a prática leitora alcançada, Liesel furtava muitas obras. O mais arriscado foi o furto do livro *O dar de ombros*, retirado de uma fogueira vigiada pelo exército hitleriano e colocado dentro do uniforme. A narrativa de Liesel ainda retrata a amizade “arriscada” com Max, um judeu refugiado da perseguição nazista, abrigado no porão da casa, escritor de livros artesanais, que contava sua vivência naquela história (PARREIRA, 2020).

A presença de Max na casa motivava ainda mais Liesel a cometer seus delitos, “porque ela acreditava que a leitura para esse homem, que está morrendo, o ajudaria a lutar contra a

morte e a opressão” (BORTOLIN; JÚNIOR, 2014). A menina lia para Max e fazia mediações orais para as pessoas que se reuniam no abrigo, a fim de se proteger dos bombardeios da guerra. Durante a tensão dos momentos vividos no abrigo, a leitura de Liesel influenciava os ouvintes e promovia a paz. O autor da obra assim descreve a leitura da menina com o livro *O assobiador*:

A menina não se atreveu a levantar os olhos, mas sentiu os olhares assustados prenderem-se a ela, enquanto ia puxando as palavras e exalando-as. Uma voz tocava as notas dentro dela. [...]. Durante pelo menos vinte minutos, foi entregando a história. As crianças menores se acalmaram com sua voz, enquanto todos os outros tinham visões do assobiador fugindo do crime (ZUSAK, 2007, p. 142-143).

Nesta obra há vários aspectos podem ser abordados: cidadania, educação, poder, humanização, leitura dentre outros; porém é sobre o aspecto da leitura que se discorre nas linhas a seguir. Salienta-se que, no contexto histórico vivenciado por Liesel durante sua adolescência, na Alemanha, ler não era permitido: “os nazistas queimavam os livros para que a população permanecesse sem cultura e sem conhecimento e assim pudesse permanecer submissa, as escolas reproduziam os discursos antissemitas e disciplinadores [...]” (PARREIRA, 2020, p. 203). Parreira (2020, p. 203) esclarece também o que a leitura significava para a menina:

A jovem não queria apenas aprender a ler como a sua escola ensinava, nem ler livros aconselhados pelo governo – contrariando seu contexto e driblando a Morte (narradora da história), a menina fez da leitura literária a busca do conhecimento e de reflexões sobre ação do homem, a luta pela sobrevivência e transformação da própria vida.

Ao ler livros de autores distintos, Liesel se relacionou com várias pessoas através do diálogo, adquirindo conhecimentos de diversas realidades que desenvolveram sua cognição, tornando-a crítica, à medida que assumiu uma prática leitora. Desse modo, Liesel se desenvolveu, se transformou e se construiu na relação com as obras que leu e isso colaborou para que seus pensamentos fossem consolidados, reajustados, desconstruídos, e novos conhecimentos fossem ativados. Silva (2019, p. 16) explica esse processo com as seguintes palavras:

A relação dialógica se faz presente, então, tanto na necessidade de se construir o sentido, o que perpassa por autor e leitor; quanto na ampliação de repertórios. A menina que roubava livros contribui ainda, nessa ocasião, para inserir o aluno na sociedade, a qual exige do cidadão determinados conhecimentos, cuja insuficiência ou mesmo inexistência empurra o indivíduo para a margem. Isto é, quanto menos conhecimento um sujeito possuir, mais a sociedade o exclui, marginaliza-o. Nesse contexto, a proporção é inversa, ou seja, se alguém demonstra mais conhecimento, mais enaltecido será.

Merecem destaque, enquanto responsáveis para o êxito do processo de leitura, o autor e o leitor, que também pode ser encarado como coautor. O leitor tem a incumbência de criar conexões entre os textos que estão em seu interior e os textos que o rodeiam. Caso haja imaturidade nessa “cruzada” do leitor, mais o autor será preciso e, assim, o chamamos de mediador de leitura. Bortolin e Almeida Júnior (2007, p. 3) esclarecem que:

Dessa forma, o mediador terá a possibilidade de interferir eticamente no cotidiano do cidadão, fomentando o seu “desejo” e a sua necessidade de ler e de buscar informação, para que ao construir o seu conhecimento ele, consequentemente construa a sua vida.

Ao aprender com os livros, apropriar-se do código escrito, conhecer o mundo e sua relação diante do contexto em que vivia, Liesel buscou maneiras de revelar as conexões realizadas com seu eu interior e com a leitura de livros, lendo para outras pessoas, em lugares diferenciados. Assim, Liesel se destaca como uma excelente mediadora de literatura, pelas benfeitorias sociais e coletivas que sua “leitura auditiva” proporcionou (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 223).

Diante do exposto, é imprescindível destacar a leitura como parte essencial do processo de apropriação da informação que, por sua vez, se concretiza através da mediação. Assim sendo, “a mediação da leitura faz parte da mediação da informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 44).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou a reflexão sobre a importância da leitura e da mediação no processo de formação dos sujeitos. A literatura analisada evidencia que o processo de leitura vem sofrendo alterações devido às mudanças e revoluções tecnológicas. As novas formas de ler os textos nos ambientes digitais impactam as práticas de leitura.

Atualmente, o Brasil se caracteriza como um país de poucos leitores, mas essa situação poderia ser um pouco melhor, se houvesse investimentos na formação dos profissionais que trabalham com a formação de leitores. Hoje há mais oportunidades de acesso aos livros, porém as práticas de leituras de livros, sejam no formato impresso ou digital, não são significativas.

Mesmo com a disponibilidade de livros físicos nas escolas, sabe-se que eles ficam parados nas estantes e prateleiras, sem serem abertos e/ou manuseados e não anunciados, o que em nada contribui para a formação de leitores. É fundamental que os mediadores - como

a família, o professor, o bibliotecário - proporcionem o envolvimento das pessoas, para que elas realmente se transformem em leitores ativos e competentes

A formação de leitores não ocorre sem a mediação, no sentido do envolvimento entre os sujeitos durante a leitura; assim, o maior desafio das instituições que lidam com a formação de leitores é trabalhar com a essa formação sem o conhecimento dos processos e benefícios da mediação. Nesse sentido, um fator determinante é investir na formação de mediadores de leitura, principalmente na sala de aula e na biblioteca.

Quando os mediadores de leitura se fazem presentes na vida das pessoas, possibilita-se a formação de leitores. Para favorecer a prática e o gosto pela leitura, é preciso criar mecanismos que favoreçam momentos em que os leitores, principalmente as crianças, se aproximem dos livros, da literatura e de outras formas de contato com a leitura literária nos ambientes digitais, um recurso de fácil acesso e comum na vida das pessoas.

Portanto, tão importante quanto o acesso ao livro impresso ou digital é a forma de apresentar esses recursos aos leitores. No que se refere à leitura literária, a mediação tem um papel fundamental para a formação de novos leitores. Esse tipo de mediação contribui para que as pessoas sejam inseridas nesse universo tão vasto e tão rico que é o da fantasia e da literatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Apresentação. In: SILVA, Rovilson José da. **Biblioteca escolar e a formação de leitores: o papel do mediador de leitura**. Londrina: EDUEL, 2010. p.11-14. Disponível em: http://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=8. Acesso em: jan. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. 168p. p.33-45. Disponível em: https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12. Acesso em: jan. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elisabeth da (org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008. p. 67- 85. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277769128_Mediacao_da_Informacao_e_da_Leitura https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12. Acesso em: jan. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da literatura para Leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 1, p. 207-226, mar. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1537/1253>. Acesso em: jan. 2021.

ARANTES, F. M., Oralidade Midiatizada e Mediatização. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278p.

BORTOLIN, S. **A leitura literária nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. 233f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_me_mar.pdf. Acesso em: jan. 2021.

BORTOLIN, S. **O mediador da leitura**. In: Almeida Junior, O. F. Infohome [Internet]. Marília: OFAJ, 2007. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302. Acesso em: jan. 2021.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998. 159 p. il. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3wpSAk8BN60C&printsec=frontcover&dq=A+aventura+do+livro&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiZlafJn8TuAhUnH7kGHXmRBm0QuwUwAHoECAAQBw#v=onepage&q=A%20aventura%20do%20livro&f=false>. Acesso em: jan. 2021.

CHARTIER, R. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9669>. Acesso em: 8 jun. 2021.

CHARTIER, R. Prefácio. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. 195 p. disponível em: <http://biblio.eci.ufmg.br/ebooks/2020070001.pdf>. Acesso em: jan. 2021.

DICIONÁRIO ONLINE HOUAISS. Instituto Antônio Houaiss. Disponível em: <https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v5-4/html/index.php>. Acesso em: jan. 2021.

FERNANDES, C. Nazismo. **História do Mundo**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm>. Acesso em: jan. 2021.

VIDOTTI, S. A. B. G.; LANZI, L. A. C.; FERNEDA, E. A mediação da informação aliada ao uso das tecnologias da informação e comunicação em uma biblioteca escolar. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 117-137, out. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19997>. Acesso em: 19 mar. 2021.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51.ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época, 21).

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: jan. 2021.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passos, 74).

MORO E. L. S.; ESTABEL, L. B. A mediação da leitura na família, na escola e na biblioteca através das tecnologias de informação e de comunicação e a inclusão social das pessoas com necessidades especiais. **Inclusão Social**, v. 4, n.2, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1657>. Acesso em: jan. 2021.

NUNES, M. S. C.; SANTOS, F. D. O. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. vol.25, n. no.2, p. 26, abr./jun. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362020000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 19 março 2021.

PARREIRA, B. A menina que roubava livros. **Revista Panorâmica online**, América do Norte, 30, apr. 2020. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/view/1150/19192345>. Acesso em: jan/2021.

ROJO, R. (org.). **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, M. C. **A mediação da leitura**: o caso do curso SESC Vem Le. Salvador, 2012. 147 f.: il. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12098/1/DISSERTACAO%20DEFINITIVA%20CORRECAO%20NATAL%20.pdf> Acesso em: jan. 2021.

SILVA, B. A. A. **A Menina que roubava livros**: uma abordagem dialógica de leitura em sala de aula. 2019. 123f. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/28046/1/Meninaroubavalivros_Silva_2019.pdf> Acesso em: jan. 2021.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.

YAFUSHI, C. A. P.; SANTOS, V. C. B. D.; OTTONICAR, S. L. C. A leitura sob a perspectiva do professor e do profissional da informação como mediadores de aprendizagem. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO, 2., 2015, Marília, **Anais...** Marília: UNESP, 2015. Disponível em: <http://gicio.marilia.unesp.br/index.php/IIEPIM/index/search/advancedResults>. Acesso em: 16 Março 2021.

ZUIN, P. B.; REYES, C. R. **O ensino da língua materna**: dialogando com Vygotsky, Bakhtin e Freire. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

ZUSAK, M. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.